

Parla Moïse! De como Freud criou o conceito de desmentido

Betty Bernardo Fuks*¹

O objetivo deste artigo é mostrar de que modo Freud começou a inventar o conceito de desmentido (Verleugnung) no texto “O Moisés de Michelangelo”, no qual emprega o termo segundo a trivialidade da língua alemã, para demonstrar, levando em conta as mutações que sofreu na teoria, o giro que esse mecanismo de defesa terminou operando no dispositivo de interpretação psicanalítica.

Palavras-chave: Desmentido, cisão do Eu, mecanismos de defesa, interpretação

616

*¹ Universidade Veiga de Almeida (Rio de Janeiro, RJ, Br).

Da escrita e legibilidade do inconsciente

Não é desconhecido o fato de que o fascínio de Freud por Moisés, a mais importante figura do Antigo Testamento, mostrou-se sempre intenso e apaixonado. Ao fundador e legislador do monoteísmo, dedicou duas obras — “O Moisés de Michelangelo” (1914) e “O homem Moisés e o monoteísmo” (1939) — em base à leitura de marcos culturais do Ocidente: a estátua de Michelangelo situada em Roma e o *Êxodo*, um dos livros do Pentateuco. Quem já se aventurou a lê-las encontrou o autor atracado com a questão da escrita do inconsciente, refletindo sobre os princípios de sua legibilidade e transmissibilidade. O que nos permite inserir tanto uma como a outra no rol das grandes lições clínico-teóricas que se encontram em suas Obras Completas.

Para justificar esta afirmativa retornaremos aos primórdios da psicanálise, quando Freud apresenta ao amigo e colega W. Fliess, na carta número 52 de 6 de dezembro de 1896, um esquema gráfico do aparelho psíquico sob a forma de uma rede de traços indeléveis, marcados pela propriedade de sofrer, de tempos em tempos, rearranjos e retranscrições. Um aparelho de memória, constituído por processos de estratificações que envolvem pelo menos três registros distintos:

W – (*Warhrnehmungen*, percepções): neurônios nos quais as percepções se originam, aos quais a consciência se liga, mas que em

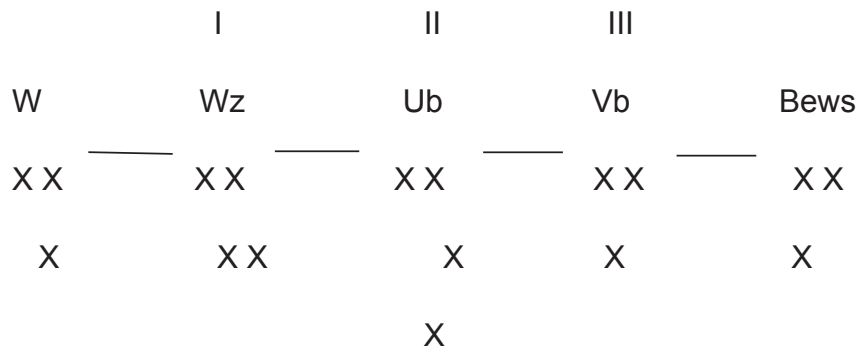


Figura 1
Modelo de aparelho psíquico da carta 52 (Freud, 1896/1976a, p. 324)

si mesmo não retém traço algum do que aconteceu, pois a consciência e a memória são mutuamente exclusivas.

Wz – (*Warnehmungszeiche*, signo de percepção): a primeira transcrição (*Niederschrift*) das percepções, totalmente incapaz de se tornar consciente, é ordenada segundo associações simultâneas.

Ub – (*Unbewusstsein*, inconsciente): é a segunda transcrição (*Niederschrift*). Ordenada de acordo com outras relações, talvez causais. Os vestígios de Ub corresponderiam talvez as memórias conceituais, igualmente inacessíveis à consciência.

Vb – (*Vorbewusstsein*, pré-consciente): é a terceira transcrição, ligada à apresentação de palavras e corresponde ao Eu oficial. Os investimentos oriundos desse registro tornam-se conscientes de acordo com certas regras e, por certo, tal consciência secundária de pensamento é de efeito posterior (*Nachträglich*), na ordem do tempo provavelmente ligada à ativação alucinatoria de representações verbais, de modo que os neurônios da consciência seriam de novo neurônios perceptuais e em si mesmos desprovidos de memória. (Freud, 1896/1976a, p. 275)

618 Os sucessivos registros, Freud explica ao amigo Fliess, representam a “realização psíquica de épocas sucessivas da vida, nas fronteiras das quais ocorre uma transformação do material psíquico” (p. 275). No entanto, faz a ressalva de que entre dois registros ocorrem, por vezes, falhas que, se não apagadas, podem ser preenchidas por uma forma posterior de escrita, a tradução. Caso contrário, ocorrerá “um fracasso de tradução — o que é conhecido clinicamente como “recalcamento” (*Verdrängung*, termo que indica na língua portuguesa a ação de pôr de lado, afastar, expulsar). A razão para isso é sempre uma descarga de desprazer” (p. 275).

Apesar do papel da tradução ser decisivo nesse modelo de psiquismo, o processo invocado por Freud encontra-se distante da atividade literária da tradução. Falta na carta que estamos examinando, qualquer referência à transposição interlinguística, de codificação ou de mensagens, presentes na prática literária. Heller-Roazen (2010) observa que não há qualquer referência a um “texto original” a ser traduzido, mas que Freud trata de esclarecer que o funcionamento psíquico “exige um complexo sistema de ‘transposições’”. Isto é, de rearranjos e retranscrições, sendo que essas ações podem sofrer uma paralisação, sempre que um deles não é vertido em outro por defesa contra o desprazer” (p. 122). De todas as formas, as impressões psíquicas agenciadas pela operação de *a posteriori*, dá ao intérprete a oportunidade de “traduzir” suas marcas e traços subjetivamente.

Todo esse esquema de arquivamento, além de antecipar o que será aprofundado desde “A interpretação dos sonhos” (Freud, 1900/2014), o psiquismo como um sistema atemporal, até “Uma nota sobre o bloco mágico” (Freud, 1925[1924]/1976h), o aparelho psíquico como matriz da escrita visível, é mantido rigorosamente até o final da obra freudiana. Em O homem Moisés e a religião monoteísta (Freud, 1939 [1936-38/2013) encontramos reafirmada a ideia de que o psiquismo é constituído de inscrições localizadas entre registros e espaços (Isso, Eu e Supereu) diferentes, sujeitos aos processos de arquivamento que constituem a história do sujeito e da cultura.

Muita tinta rolou em torno dessa grande figura metapsicológica conhecida como “Carta 52”. Devemos à leitura de Jacques Derrida (2001) a ideia de que nela o psiquismo assumirá um caráter bastante próximo ao da máquina de escrita. O filósofo considera que, nesse momento, Freud abandona o modelo neurológico do aparelho psíquico e constrói um esquema abstrato que permite “vislumbrar algo da história de um sujeito, como que escrita em um livro” (Moraes Rego, 2006 p. 107).

Jacques Lacan (1964/1979, p. 48) centra seu raciocínio sobre o valor premonitório da “Carta 52” por relação ao processo de constituição do sujeito. Em referência aos termos que nela encontra chega a estabelecer uma sinonímia entre a noção freudiana de traço e o seu conceito de letra, em função da capacidade inconfundível de ambos em se alterar, e paradoxalmente permanecer, em suas retranscrições infinitas, o mesmo (Lacan, 1961-1962/2003, p. 67). A noção de letra formaliza a prática psicanalítica de leitura à letra. A letra “lê-se e literalmente. É evidente que, no discurso analítico só se trata disto, do que se lê, e tomando como o que se lê para além do que vocês incitaram o sujeito a dizer” (Lacan, 1972-1973/1988, p. 39). Isso supõe uma dimensão de trabalho que permite mobilizar o surgimento de uma verdade e não simplesmente dar uma interpretação ao discurso do paciente, no sentido mais amplo (hermenêutico), mas de possibilitar uma leitura literal, ao pé da letra, da palavra em análise. É essa dimensão do trabalho à letra que mobilizará o surgimento de uma verdade. Nada seria mais ilustrativo sobre essa posição assumida por Lacan em relação ao dispositivo de interpretação psicanalítica, do que o relato do caso clínico de Freud “O homem dos ratos” (1909/1976e): ao decompor a fusão das letras da fórmula conjugatória *Gleijisamen*, usada pelo paciente para proteger a amada, em Gisela e Samem (esperma), o pai da psicanálise nos dá a direção de que é através da leitura à letra que o desejo pode ser lido. Em suas orações o paciente rogava o nome de Gisela seguido da expressão *Amém* repetidamente, até fundi-las ao ponto

de poder dizer numa palavra — *Giselasamen* — do seu desejo sexual pela amada. A letra, portanto, é o que se recusa ao dito explícito.

Ainda sobre a “Carta 52”, Solal Rabinovitch (1999, 2001) traz uma contribuição singular, ao incluir nesse esquema gráfico, como veremos detalhadamente mais adiante, os pontos de emergência dos mecanismos de defesa — recalçamento, negação, desmentido e foraclusão. A autora chama de negações constitutivas do sujeito esses mecanismos que em alemão começam por um prefixo indicativo do limite de uma ação, *Ver*: *Verdrängung* (pôr de lado, afastar), *Verneinung* (denegação), *Verleugnung* (desmentir), *Verwerfen* (foracluir). O trabalho de Solal tem o mérito de situar topologicamente, como veremos mais adiante detalhadamente no esquema gráfico da carta, o recalque e outros mecanismos conceituados tardiamente na obra freudiana, o do desmentido e a foraclusão.

O enigma da estátua com cornos de animal

620 Posto esse breve resumo do documento mais importante da história da psicanálise que se tem sobre a gênese do psiquismo, avancemos na tarefa de encontrar em “O Moisés de Michelangelo” (Freud, 1914/1976i) a gênese da *Verleugnung* (traduzido por desmentido, recusa à realidade e renegação), termo empregado no texto segundo a trivialidade da língua alemã, começando por precisá-la dentro de um pensamento em constante vir-a-ser.

Arte e literatura possuem uma dimensão de verdade que é a de fazer nascer ideias e sentidos. É esse um dos sentidos possíveis do que Freud (1907[1906]/1976d) enuncia em “Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen”: os artistas, poetas e escritores “conhecem entre o céu e a terra, muitas coisas que nem mesmo nossa sabedoria escolar ainda não pode imaginar” (p. 8). Fiel ao seu próprio reconhecimento, Freud fará da arte sua companheira inseparável. Nesse sentido, o texto sobre a estátua de Michelangelo, situada na Igreja de San Pietro in Vincoli, pode ser considerado uma revelação sobre os efeitos de uma obra de arte na teoria psicanalítica. Numa carta a Martha, sua mulher, Freud chegou a confessar ter sido atingido por uma forte sensação de estranheza diante daquela obra “inescrutável”, que o levou a revisitá-la várias vezes entre 1911 e 1912, “sempre tomado por uma imensa e sibilante sensação de ‘solidão deliciosa, algo melancólica’” (Freud, 1873-1939/1982, p. 345). Uma vivência de choque, condizente com o que descreve os efeitos

de uma obra de arte em produzir: “o desamparo da inteligência [humana]” (Freud, 1914/1976i, p. 255).

Decidido a enfrentar o próprio desamparo, Freud desenhava, de maneira compulsiva, a desconcertante figura de homem com cornos de animal pousada no túmulo do Papa Júlio II insistindo em compará-la com outras figurações do personagem mais enigmático da Bíblia. Muitas vezes chegava a sair da igreja sentindo-se como um idólatra diante da estátua, isto é, como se ele próprio “pertencesse à turba sobre a qual os olhos de Moisés (bíblico) estão voltados — a turba que se rejubila ao reconquistar seus ilusórios ídolos” (p. 219). Tomado por esses afetos, decide trabalhar analiticamente sobre aquele objeto mergulhando no campo da arte de modo “profano” (p. 217). Há uma dimensão, de certo modo sacrílega nessa confissão reveladora de que para esse “judeu ateu”, o que lhe restava reconhecer como sagrado era a arte. E assim, o mergulho “profano” redundou em consequências contundentes ao dispositivo psicanalítico de interpretação.

Para decifrar o enigma da obra que, segundo a lenda, Michelangelo havia ordenado falar — “Parla Moise! Parla!” —, Freud dá valor de letra, no sentido lacaniano do termo, a um determinado detalhe até então negligenciado pelos críticos de arte para “escutar” o que até então era “inescrutável”. Ao transformar o detalhe em letra, dá início ao trabalho de leitura que converge com a prática de escrita daquilo que escuta na clínica. E o que teria “ouvido” da obra maior da Renascença agonizante o fundador da psicanálise, que apostava no fato de que “*Saxa loquuntur!* [As pedras falam!]” (Freud, 1896/1976a, p. 192)? Convicção que acaba mostrando-se contrária a ela mesma, na medida em que o próprio Freud avança na ideia de que o que se “ouve” das pedras depende de quem as “falam” (Moraes Rego, 2006, p. 134). O detalhe inscrito na pedra de mármore que figura o Profeta leva Freud a escapar de um texto-armadilha e por ele se deixar guiar pela posição da mão direita do profeta com os dedos crispados sobre as Tábuas da Lei prestes a cair, um traço mudo. Aí encontra elementos suficientes para enunciar que Michelangelo criara um Moisés bastante diferente do personagem bíblico que, encolerizado, atirou as Tábuas da Lei ao solo, deixando-a em pedaços.

O Mestre renascentista reintroduziu a tradição oral do Êxodo de maneira genial, observa Freud, integrando à narrativa algo até então despercebido pelos leitores do Antigo Testamento — o triunfo do espírito sobre a cólera —, representando de forma inusitada o episódio do “Bezerra de Ouro” (Êxodos, 32.1-8). O Moisés de mármore italiano, contrário à descrição bíblica do “Moisés histórico ou tradicional” (Freud, 1914/1976i, p. 235), figura

um homem capaz de superar o ódio e a destemperança. O gesto político de Michelangelo expressa revolta contra o despotismo clerical e sua coragem de pousar, sobre o túmulo do Papa Júlio II, a representação artística de quem é capaz de “combater com êxito uma paixão interior pelo amor de uma causa à qual se devota” (p. 237-238).

622 Na história da psicanálise, o pano de fundo da escrita do texto de 1914 acompanha um momento político do movimento psicanalítico: o embate institucional entre Freud e Carl Gustav Jung, primeiro presidente da Associação Psicanalítica Internacional. Jung liderava um grupo de analistas que ameaçava rebaixar a importância da sexualidade infantil e se opunha ao conceito de inconsciente, militando a favor da ideia de inconscientes locais, “inconsciente ariano”, “inconsciente semita” etc. Apesar de ter colocado Jung à frente do movimento psicanalítico, por temor a que o primeiro grupo de analistas viesse a ser confundido com um gueto judaico, o fundador da psicanálise considerou que descaracterizar e atribuir uma essência ao inconsciente significava uma oposição frontal e destrutiva contra as leis da psicanálise. A existência de uma ciência ariana e de uma ciência judia, por princípio, era inconcebível, pois enquanto obra científica, a psicanálise, conforme suas palavras, “não é nem judia, nem católica, nem pagã” (Freud apud Le Rider, 1996, p. 385). Enfim, foi sob o impacto desses conflitos que Freud se viu diante do dilema de ter de escolher entre combater os discípulos rebeldes pela força ou, ao revés, sublimar a cólera e reconduzir à ordem, com precisão conceitual e serenidade afetiva, a causa analítica. Tal divisão subjetiva — destemperança e domínio das pulsões — se fará presente até o final da vida de Freud toda vez que percebia ameaças externas ou internas à psicanálise.

Da tensão entre o saber e o não querer saber sobre a castração feminina e a morte

Ocorre que “O Moisés de Michelangelo” (Freud, 1914/1976i) excede ao contexto em que foi escrito, embora não seja independente dele. Por mais que uma leitura histórica seja indispensável à apreensão das ideias desenvolvidas nesse texto, o fato é que nenhum psicanalista pode abrir mão da elaboração teórica que o sustenta. A atenção prestada ao detalhe do objeto de investigação abrirá novos caminhos no corpo da teoria. O texto se encaixa perfeitamente entre os ensaios freudianos em que o leitor se dá “conta de uma

tensão constante entre aquilo que enuncia e aquilo que anuncia” (Rey-Flaud, 2006, p. 11). Justamente, é essa modalidade de tensão que servirá de base à conceituação do desmentido, a operação que exigiu de Freud se afastar definitivamente de qualquer prática de exegese para afirmar o dispositivo de interpretação psicanalítica como sendo da ordem da criação.

A interpretação da estátua italiana determinou uma nova produção de saber no campo psicanalítico: a estrutura paradoxal do desmentido, uma expressão psíquica que difere da representação, efeito de uma denegação (Lemérier, 1999). Pela primeira vez, Freud apresenta as provas desse mecanismo que ganhará o estatuto de conceito em “A organização sexual infantil” (Freud, 1923/1976g). Durante esse trajeto, o termo foi empregado “no sentido mais forte de rejeição” (Rabinovitch, 2001, p. 61), isto é, usado para definir o quadro da psicose e foi até mesmo reconhecido como uma das molas da sublimação. Lemos surpresos em “Uma recordação de Leonardo da Vinci” (Freud, 1910/1976f, p. 115) que o trabalho do pintor italiano é um exemplo conclusivo de como o artista desmente suas experiências infantis traumáticas, a percepção da castração e da morte, e as supera na arte de fabricar imagens.

A renegação ou desmentido é um dos processos constitutivos da sexualidade infantil. A operação que coloca em jogo a problemática da castração num duplo movimento, em que o saber e o não saber sobre a castração feminina ocorrem simultaneamente. Ele facilita ao sujeito dissimular uma incompatibilidade entre a crença, à qual não quer renunciar, e a percepção da realidade que a desfaz. Em “O fetichismo” (1927/1976j) as complexidades clínico-teóricas da recusa à realidade são descritas por Freud a partir de uma subjetividade dividida entre duas realidades contraditórias: a recusa e o reconhecimento simultâneos da ausência do pênis na mulher, a castração. Dito de outro modo: o fetiche concilia duas afirmações incompatíveis. Já o desmentido é o mecanismo correlato a um deslocamento de valor: o sujeito transfere o significado do pênis para uma outra parte do corpo ou para um objeto no qual investe.

Freud jamais pretendeu reduzir o desmentido e sua resultante à clivagem no eu (*Ichspaltung*), à patologia do fetichismo ou mesmo a qualquer transtorno psicótico. No próprio artigo sobre o fetichismo identificou o ato de desmentir em casos de neurose obsessiva esclarecendo, com isso, que a clivagem neurótica é uma forma de suspensão de conflito. Contudo, a recusa da realidade tem um grau de potência radical na invenção de um fetiche. O fetichista suspende o conflito da castração instituindo um objeto externo que aponta para a ausência de pênis na mulher e, ao mesmo tempo, mantém sua crença na mãe provida de falo. “A neurose é o negativo da perversão”,

escreve Freud (1905/1976c, p. 162), logo após reconhecer ter descoberto na clínica que os impulsos perversos nas psiconeuroses aumentaram, consideravelmente, o número de seres humanos que elegem desmentir a ausência de pênis na mulher. Na verdade, ao inserir o desmentido no campo da neurose, a psicanálise reconheceu que para escapar ao horror provocado pela castração do Outro, que lhe assinala também sua própria morte, o neurótico igualmente recusa a facticidade da Morte. A rigor, lendo “Totem e tabu” (Freud, 1913[1912]/2013a), observa-se o emprego do termo desmentido para descrever, de modo preciso, a passagem em que os filhos ao perceberem a morte do pai, se angustiam e imediatamente renegam o ocorrido, tornando a vontade paterna mais forte do que nunca.

E aqui, conforme anunciado, recorreremos ao esquema proposto por Rabinovitch (2001, p. 38) de localizar o desmentido no trajeto que Freud desenha na “Carta 52” entre o Wz e Ubw de modo a facilitar a apreensão de nossa proposta em percorrer o itinerário percorrido por Freud à conceituação desse mecanismo.

624

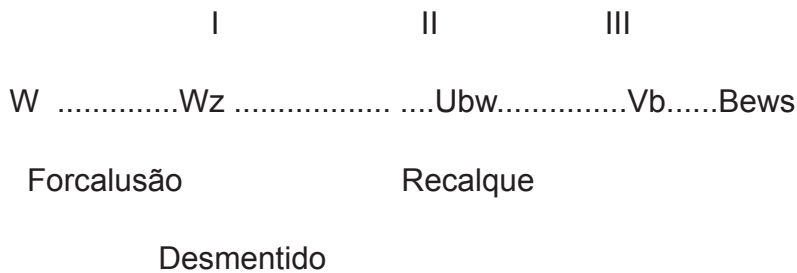


Figura 2
 O desmentido no trajeto desenhado por Freud na Carta 52

De acordo com esse grafo, o recalque é o mecanismo que impede a transcrição do traço do inconsciente ao pré-consciente e o desmentido bloqueia a tradução do signo de percepção ao inconsciente. Assim, apreendemos que esses dois mecanismos de defesa estão implicados na tessitura do saber inconsciente. Um saber que a forclusão impossibilita ao sujeito reconhecer como seu, dado que o exporta para o exterior do campo simbólico, negativamente o funcionamento da linguagem.

No final da vida e obra, Freud acrescenta à teoria sua percepção de que a *Verleugnung* e a *Ichspaltung*, do mesmo modo que o recalque secundário e a repressão, fazem parte dos processos de socialização e de constituição simbólica da cultura, da religião e dos povos. Ao retornar ao tema do

assassinato do Pai em “O homem Moisés e a religião monoteísta”, Freud (1939[1936-1938]/2013b), já tendo conceituado o termo desmentido, oferece ao leitor sua última e derradeira lição clínica sobre a escrita inconsciente. O retorno do desmentido à diferença do retorno do recalçado ocorre de modo distorcido, cifrado: traços e inscrições, o real do saber inconsciente.

Cito Freud:

À palavra “distorção” (*Entstellung*), poderíamos dar o duplo sentido ao qual tem direito, embora ela não faça uso dele hoje. Ela não deveria significar apenas “modificar a aparência”, mas também “colocar em outro lugar, deslocar para outra parte”. Assim, em muitos casos de distorções dos textos podemos contar com o fato de encontrar escondido em algum lugar aquilo que foi reprimido (*Unterdrückte*) e desmentido (*Verleugnete*), embora modificado e arrancado do contexto. Só que nem sempre será fácil reconhecê-lo. (Freud, 1939[1936-1938]/2013b, p. 76)

Tais dificuldades indicam que houve uma tentativa de apagar as marcas da verdade do texto de maneira semelhante ao que se faz num crime no qual o problema “não está na execução do ato, e sim na eliminação de seus rastros” (Freud, 1939 [1936-1938]/2013b).¹

Não é portanto causal que o desmentido tenha produzido mudanças no dispositivo psicanalítico de interpretação. Em “O Moisés de Michelangelo”, Freud, como vimos, procedeu a leitura dos detalhes da estátua renascentista que se encontravam à margem. Sinais que o levaram a confrontar as lacunas que os expertises na matéria ignoraram sistematicamente, ao longo dos séculos, e se pôs a decifrá-los. O trabalho analítico consistiu em dar voz aos restos mudos, por meio de uma construção articulada ao desmentido que reafirma as linhas mestres de seu método de leitura. Assim, o inventor da psicanálise foi se dando conta de que lá onde existem letras mudas, silêncios, detalhes insignificantes, o artista e o poeta criam. E diante da criação a psicanálise cavou um lugar excepcional no campo da arte, ao se curvar à estranheza

625

¹ Depois de Freud, Lacan referendará a *Verleugnung* ao real do ato cujos efeitos no sujeito são aqueles do desmentido. Dito de outra forma: o desmentido funciona como representante do ato cometido pelo sujeito e expõe sua divisão radical. Com isso, Lacan radicalizará a distinção freudiana entre esse mecanismo de defesa e um outro: a denegação (*Verneinung*), a suspensão do conteúdo recalçado cuja existência o Eu aceita graças à própria negativa. Ao igual ele fará, seguindo Freud, uma distinção entre a forclusão (*Verwerfung*), situando o alcance de sua dimensão no simbólico, e a do desmentido (*Verleugnung*) no real (Rabinovitch, 2001, p. 62).

da obra daqueles que, como dito acima, adiantam os saberes científicos: desvela o que a cultura recusa saber.

Qual a função, então, para o analista, da marca de um saber que se tentou apagar, recusar, desmentir? Em termos gerais, antes de tudo, trata-se de uma marca indicativa do desejo criador de toda a obra original. Michelangelo “transformou em letras as contradições do texto bíblico desmentidas pelos homens do Renascimento ‘que deviam concebê-lo como um todo coerente’” (Lemérier, 1999, p. 34) e criou uma obra grandiosa a partir do que se tentou, ao longo dos séculos, apagar no pergaminho ancestral. A astúcia do artista foi “reescrever” o texto bíblico, através da construção da majestosa estátua, sabendo se reconhecer numa determinada tradição e ultrapassá-la. Michelangelo aproveitou os brancos e os silêncios da Escritura, fazendo emergir um não dito. Um trabalho de tradução, ou melhor, de escrita e reescrita do Texto de acordo com o processo de arquivamento da “Carta 52”. É esse mesmo trabalho que Freud, sob o efeito de estranheza da obra de Michelangelo, comungará com o artista até encontrar os princípios que desembocaram na construção de um conceito oriundo de uma prática singular de escuta e cuja integração à teoria modificou o equilíbrio da invenção freudiana.

626

Referências

- Derrida, J. (2001). *Mal de arquivo, uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- Freud, S. (1976a). Carta 52 (6 de dezembro de 1896). In *Obras completas* (Vol. I). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1896)
- Freud, S. (1976b). La etiologia de la histeria. In *Obras completas* (Vol. III). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1896).
- Freud, S. (1976c). Tres ensayos de teoria sexual. In *Obras completas* (Vol. VII). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1905).
- Freud, S. (1976d). El delírio y sueños en la Gradiva de Jensen. In *Obras completas* (Vol. IX). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1907[1906]).
- Freud, S. (1976e). A propósito de un caso de neurosis obsesiva. In *Obras completas* (Vol. X). Buenos Aires: Amorrortu (Trabalho original publicado em 1909).
- Freud, S. (1976f). Un recuerdo infantil de Leonardo da Vinci. In *Obras completas* (Vol. XI). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1910).

ARTIGOS

- Freud, S. (1976g). La organización genital infantil (Una interpolación en la teoría de la sexualidad). In *Obras completas* (Vol. XIX). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1923).
- Freud, S. (1976h). Una nota sobre el Bloco Mágico. In *Obras completas* (Vol. XIX). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1925[1924]).
- Freud, S. (1976i). El Moisés de Michelangelo. In *Obras completas* (Vol. XIII). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (1976j). Fetichismo. In *Obras completas* (Vol. XXI). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1927).
- Freud, S. (1982). *Correspondência de amor e outras cartas (1873-1939)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Carta a Martha em 5/9/1912).
- Freud, S. (1986). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887/1904*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em ???)
- Freud, S. (2013a). *Totem e tabu*. Porto Alegre: L&PM. (Trabalho original publicado em 1913[1912]).
- Freud, S. (2013b). *O homem Moisés e a religião monoteísta*. Porto Alegre: L&PM. (Trabalho original publicado em 1939[1936-1938]).
- Freud, S. (2014). *A interpretação dos sonhos*. (Vol. I e II). Porto Alegre: L&PM. (Trabalho original publicado em 1900).
- Heller-Roazen, D. (2010). *Ecolalias: sobre o esquecimento das línguas*. Campinas, SP: Edunicamp.
- Lacan, J. (2003). *O seminário. Livro 9. A identificação*. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife. (Exclusivo para membros). (Trabalho original publicado em 1961-1962).
- Lacan, J. (1979). *O seminário. Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1964).
- Lacan, J. (1988). *O seminário. Livro 20. Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1972-1973).
- Lemérer, B. (1999). *Freud y Moisés; escrituras del Padre I. Los dos Moisés de Freud (1914-1939)*. Barcelona: Ediciones de Serbal.
- Le Rider, J. (1996). *Modernidade vienense e crise de identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Moraes Rego, C. (2006). *Traço, letra, escrita: Freud, Derrida, Lacan*. Rio de Janeiro: 7 letras.
- Rabinovitch, S. (1999). *Escrituras del asesinato. Freud y Moisés: escrituras del padre 3*. Barcelona: Ediciones del Serbal.
- Rabinovitch, S. (2001). *A forclusão: presos do lado de fora*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Rey-Flaud, H. (2006). “*Et Moïse créa les Juifs...*” *Le Testament de Freud*. Paris: Flammarion.

Resumos

(Parla Moïse! How Freud created the concept of denial (Verleugnung))

The purpose of this article is to show how Freud began to create the concept of denial (Verleugnung) in the text “Moses of Michelangelo”; in it, he uses the word according to its common sense in the German language. The article shows how this defense mechanism, due to the changes in the theory, operated a turn in the psychoanalytic interpretation mechanism.

Key words: Denial, splitting of the ego, defense mechanism, interpretation

(Parla Moïse! Freud et le création du concept de déni)

Le but de cet article est d’illustrer la façon dont Freud commence à développer le concept de déni (Verleugnung) dans son traité « Le Moïse de Michel-Ange », dans lequel il emploie le terme dans le sens trivial de la langue allemande pour montrer — tenant compte des changements que le terme va subir dans la théorie — de quelle façon ce mécanisme de défense influence le système d’interprétation psychanalytique.

Mots clés: Déni, clivage du moi, mécanismes de défense, interprétation

(¡Parla Moïse! De cómo Freud creó el concepto de denegación)

El propósito de este artículo es mostrar cómo Freud empezó a inventar el concepto de denegación (Verleugnung), en el texto “El Moisés de Miguel Ángel”, en el cual se emplea este término, de acuerdo con la trivialidad de la lengua alemana, para demostrar, teniendo en cuenta las mutaciones que sufrió la teoría, el giro que ese mecanismo de defensa terminó accionando en el dispositivo de la interpretación psicoanalítica.

Palabras clave: Desmentida, escisión del yo, mecanismos de defensa, interpretación

(Parla Moïse! Wie Freud den Begriff der Verleugnung entwickelte)

Ziel dieses Artikels ist es, aufzuzeigen wie Freud das Konzept der Verleugnung in seiner Abhandlung „Der Moses des Michelangelo“ zu entwickeln begann. Er verwendete dabei den Begriff im trivialen Sinn der deutschen Sprache – unter Berücksichtigung der Veränderungen die dieser Begriff in der Theorie erlitt –, um die Veränderungen darzulegen, die dieser Abwehrmechanismus auf die Struktur der psychoanalytischen Interpretation verursachte.

Schlüsselwörter: Verleugnung, Ichspaltung, Abwehrmechanismen, Interpretation

ARTIGOS

(帕爾拉莫伊茲！)

摘要: 這篇文章的目的是要表明，弗洛伊德因此開始在米開朗基羅的文本摩西，根據德語的平凡而使用術語，以示創造否認 (Verleugnung) 的概念，考慮到變化了遭受理論，把完成從精神分析的解釋裝置操作這種防禦機制。

關鍵詞: 我裂變，防禦機制解釋拒絕。

Citação/Citation: Fuks, B. B. (2016, dezembro). Parla Moïse! De como Freud criou o conceito de desmentido. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 19(4), 616-629.

Editores do artigo/Editors: Profa. Dra. Ana Maria Rudge e Profa. Dra. Sonia Leite

Recebido/Received: 16.4.2016 / 4.16.2015 **Aceito/Accepted:** 19.7.2016 / 7.19.2016

Copyright: © 2009 Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental/ University Association for Research in Fundamental Psychopathology. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados / This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original authors and sources are credited.

Financiamento/Funding: A autora declara não ter sido financiada ou apoiada / The author has no support or funding to report.

Conflito de interesses/Conflict of interest: A autora declara que não há conflito de interesses / The author has no conflict of interest to declare.

BETTY BERNARDO FUKS

Psicanalista; Doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ (Rio de Janeiro, RJ, Br.); Pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq (Brasília, DF, Br.); Professora do Mestrado e Doutorado em Psicanálise, Saúde e Sociedade da Universidade Veiga de Almeida (Rio de Janeiro, RJ, Br.); Pesquisadora do Laboratório de Psicopatologia Fundamental; Organizadora de livros de psicanálise nacionais e internacionais. Autora de *Freud e a judeidade: vocação do exílio* (Zahar); *Freud e a cultura* (Zahar); *O homem Moisés e o monoteísmo: o desvelar do assassinato* (Civilização brasileira).

Avenida Rui Barbosa, 500/602 – Flamengo

22250-020 Rio de Janeiro, RJ

Fones: (21)2553-0180 / (21)99919-0646

betty.fuks@gmail.com



This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium for non-commercial purposes provided the original authors and sources are credited.